



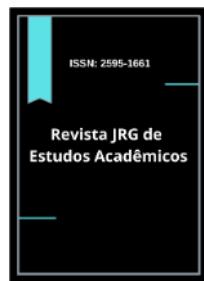
ISSN: 2595-1661

ARTIGO

Listas de conteúdos disponíveis em [Portal de Periódicos CAPES](#)

Revista JRG de Estudos Acadêmicos

Página da revista:
<https://revistajrg.com/index.php/jrg>



O consumo de álcool durante a gestação: uma investigação em unidades de atenção primária de saúde em Maceió

The consumption of alcohol during pregnancy: an investigation in primary health care units in Maceió

DOI: 10.55892/jrg.v8i19.2769
 ARK: 57118/JRG.v8i19.2769

Recebido: 27/11/2025 | Aceito: 05/12/2025 | Publicado on-line: 09/12/2025

Laysa Gomes dos Santos¹

<https://orcid.org/0009-0004-9435-5810>
 <https://lattes.cnpq.br/5382243074355959>
UNCISAL, AL, Brasil
E-mail: laysa.gomes.enf@gmail.com

Pollyanna Almeida Costa dos Santos Abu Hanna²

<https://orcid.org/0000-0002-0199-4217>
 <http://lattes.cnpq.br/1520259176683500>
UNCISAL, AL, Brasil
E-mail: pollyanna.santos@uncisal.edu.br

Bruna Vasconcelos Falcão³

<https://orcid.org/0009-0007-3888-0612>
 <https://lattes.cnpq.br/5982156052878026>
UNCISAL, AL, Brasil
E-mail: bruna.falcao@academico.uncisal.edu.br

Jacqueline Pimentel Tenório⁴

<https://orcid.org/0000-0002-4760-1765>
 <http://lattes.cnpq.br/4697065235342712>
UNCISAL, AL, Brasil
E-mail: jacqueline.tenorio@uncisal.edu.br



Resumo

O álcool é uma substância psicoativa amplamente consumida e pode gerar consequências graves durante a gestação, representando riscos tanto para a mãe quanto para o feto. Este estudo teve como objetivo avaliar o padrão de consumo de álcool entre gestantes atendidas nas Unidades de Atenção Primária do Segundo Distrito Sanitário de Maceió e analisar a atuação dos enfermeiros nesses casos. Trata-se de um estudo transversal, observacional, com abordagem qualitativa e quantitativa. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e aplicado o instrumento validado AUDIT, além de questionários sociodemográfico e obstétrico. Identificou-se prevalência de 13,9% de consumo de álcool entre gestantes, sobretudo jovens, de baixa renda e escolaridade. Embora apresentassem algum conhecimento sobre os riscos, muitas subestimavam os efeitos do uso em pequenas quantidades. Entre os enfermeiros, observou-se preocupação com a temática, porém com lacunas de conhecimento acerca da Síndrome Alcoólica Fetal e fragilidade nos fluxos de

¹ Graduada em Enfermagem.

² Graduada em Ciências Biológicas; Mestra em Genética e Biologia Molecular; Doutora em Ciências da Saúde.

³ Graduada em Enfermagem.

⁴ Graduada em Fonoaudiologia; Mestra em Educação Especial; Doutora em Educação Especial.

encaminhamento, comprometendo a integralidade do cuidado. Conclui-se que o consumo de álcool na gestação permanece um desafio, sendo necessário investir em estratégias educativas, capacitação profissional e fortalecimento da rede de atenção.

Palavras-chave: Consumo de bebidas alcoólicas, complicações na gravidez, cuidado pré-natal.

Abstract

Alcohol is a widely consumed psychoactive substance that can have serious consequences during pregnancy, posing risks to both mother and fetus. This study aimed to assess alcohol consumption patterns among pregnant women treated at Primary Care Units in the Second Health District of Maceió and analyze nurses' performance in these cases. This is a cross-sectional, observational study with a qualitative and quantitative approach. Semi-structured interviews were conducted, and the validated AUDIT instrument was administered, along with sociodemographic and obstetric questionnaires. A 13.9% prevalence of alcohol consumption was identified among pregnant women, particularly young women with low income and low education levels. Although they had some knowledge of the risks, many underestimated the effects of using even small amounts. Nurses expressed concern about the topic, but there were gaps in their knowledge about Fetal Alcohol Syndrome and weak referral processes, compromising comprehensive care. It is concluded that alcohol consumption during pregnancy remains a challenge, requiring investment in educational strategies, professional training and strengthening of the care network.

Keywords: *Alcohol Consumption, Pregnancy Complications, Prenatal Care.*

1. Introdução

O álcool é a droga mais utilizada globalmente, apesar de seu uso acarretar diversos impactos negativos, tanto na vida pessoal quanto nos âmbitos familiar e social da vida dos indivíduos que a consomem. Ademais, seu uso se destaca das outras drogas devido à sua legalidade e disponibilidade generalizada, o que contribui para sua aceitação social e torna desafiador o enfrentamento dos problemas associados ao seu consumo (Gonçalves et al., 2020).

Nesse contexto, é evidente que o consumo de álcool na sociedade acarreta sérias implicações para a saúde pública e coletiva, dada a extensão dos seus impactos. Essa prática se torna ainda mais preocupante quando persiste durante o período gestacional, o que pode não só comprometer o desenvolvimento fetal e embrionário, mas também aumentar significativamente o risco de complicações durante a gravidez e o parto. Além disso, há o potencial de influenciar negativamente a saúde e o desenvolvimento do bebê mesmo após o nascimento (Lima et al., 2021).

Assim, o álcool é categorizado como teratogênico, o que implica em seu poder de ocasionar restrições no crescimento do bebê, defeitos congênitos, disfunções no sistema nervoso central e uma série de complicações adicionais, como o aumento significativo dos riscos de aborto espontâneo, parto prematuro e todos os desfechos adversos relacionados ao desenvolvimento do feto, inclusive complicações associadas à síndrome alcoólica fetal (Boing et al., 2021).

Embora ocorra uma diminuição no consumo de álcool durante a gestação, algumas mulheres ainda mantêm esse hábito, o que pode representar um desafio significativo para sua saúde e a saúde do conceito, visto que não há uma quantidade segura estabelecida para o consumo de álcool por gestantes, mesmo quando

consideradas de baixo risco. Logo, enfatiza-se a importância da abstinência total de substâncias alcoólicas lícitas durante a gestação, visando o bem-estar tanto da mãe quanto do bebê (Possa et al., 2021).

É recomendado efetuar o rastreamento do consumo de álcool durante a gestação com o intuito de detectar precocemente e assim direcionar de maneira apropriada para manejo e encaminhamentos necessários. Essa abordagem deve ser generalizada, abarcando todas as classes sociais e grupos étnicos, e iniciada desde o primeiro atendimento pré-natal, dada a diversidade de fatores que podem afetar a persistência desse hábito ao longo do período gestacional (Dias; Oliveira, 2022).

Ao considerar as graves consequências para a saúde materno-fetal decorrentes desse consumo, os resultados do rastreamento podem ter diversas implicações pertinentes, como a necessidade de intervenções mais rápidas e direcionadas, além de servir como um alerta crucial para os serviços de saúde. Dessa forma, é fundamental sensibilizar os enfermeiros e demais profissionais de saúde sobre essa questão, que deve ser constantemente debatida nos serviços de saúde, especialmente na atenção primária (Dias; Oliveira, 2022).

Mulheres que receberam orientações e apoio psicológico de profissionais de saúde apresentaram uma maior probabilidade de evitar o consumo de álcool durante a gestação, comparativamente àquelas que não receberam esse suporte. Esses resultados ressaltam a relevância dessas intervenções como uma abordagem eficaz para fomentar comportamentos saudáveis durante a gravidez e prevenir certas consequências adversas (Tsang et al., 2022).

Dada a importância de monitorar o uso de substâncias durante a gravidez na Atenção Primária à Saúde (APS) e a necessidade de informações para orientar a formulação de ações abrangentes, é crucial gerar dados que possam prevenir e interromper o consumo de substâncias durante a gestação. Nesse sentido, o objetivo deste estudo é avaliar o cenário atual do consumo de álcool entre gestantes atendidas em Unidades de Atenção Primária à Saúde em Maceió e analisar a atuação dos enfermeiros nesses casos.

2. Metodologia

A presente pesquisa caracteriza-se como um estudo transversal, observacional, de abordagem qualitativa e quantitativa, com o objetivo de interpretar e analisar dados descritivos e numéricos. O estudo foi realizado no município de Maceió-AL, abrangendo todas as Unidades Básicas de Saúde (UBS) pertencentes ao 2º Distrito Sanitário. A amostragem utilizada foi não probabilística por conveniência, englobando enfermeiros responsáveis pelo acompanhamento pré-natal nessas unidades e gestantes atendidas nos respectivos serviços. A amostra final foi composta por 7 enfermeiros e 72 gestantes.

Inicialmente, foram realizadas visitas às unidades de saúde com o objetivo de determinar os momentos mais adequados para as abordagens. O recrutamento das gestantes ocorreu na sala de espera do pré-natal, enquanto a abordagem dos profissionais de enfermagem foi conduzida em seus momentos de descanso e em locais que garantissem maior comodidade, sem comprometer suas atividades assistenciais.

A coleta de dados das gestantes foi realizada por meio de dois instrumentos, sendo um já validado e outro estruturado pelas pesquisadoras. O primeiro, a Entrevista Sociodemográfica e Obstétrica, possibilitou a obtenção de informações essenciais para a caracterização do perfil das participantes. O segundo instrumento utilizado foi o *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT), elaborado pela

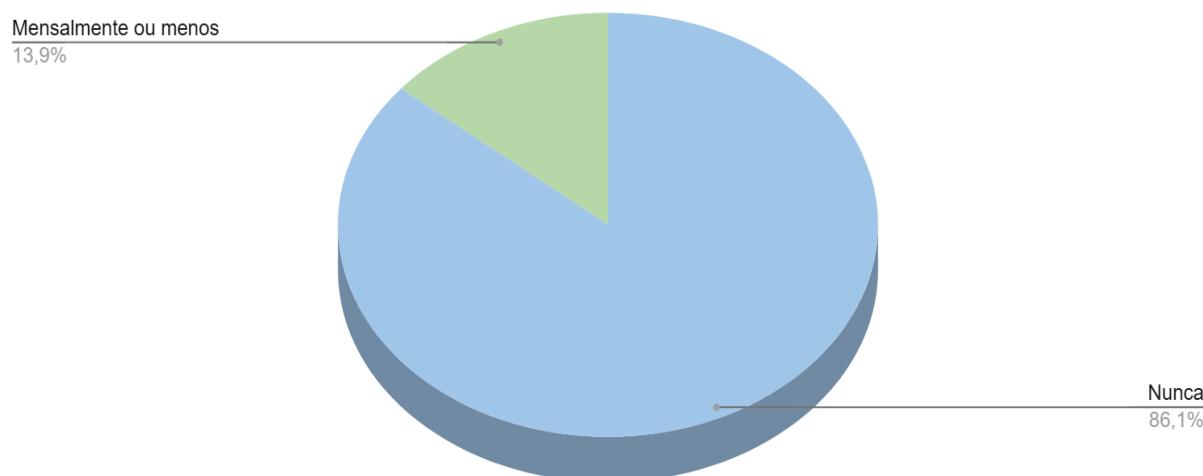
Organização Mundial da Saúde (OMS), descrito por Babor *et al.* (1992) e posteriormente traduzido e validado para o contexto brasileiro por Lima *et al.* (2005). Esse questionário foi aplicado com a finalidade de identificar o padrão de consumo de álcool entre as gestantes.

Além disso, foi conduzida uma entrevista semiestruturada elaborada pelas pesquisadoras para a coleta de informações sobre o panorama de atuação dos enfermeiros no manejo de casos de consumo de álcool durante a gestação. Considerando a natureza da entrevista, as perguntas e respostas foram registradas por meio de um gravador de voz, permitindo a participação de indivíduos que não possuíam pleno domínio da leitura e escrita. O tempo médio estimado para a realização de cada entrevista foi de 25 minutos.

3. Resultados

Foram entrevistadas 72 gestantes atendidas nas unidades de saúde do 2º Distrito Sanitário de Maceió/AL. Os dados obtidos por meio do Questionário *Alcohol Use Disorders Identification Test* (AUDIT) estão representados no Gráfico 1. Entre as gestantes avaliadas, 13,9% (N=10) relataram consumo de bebidas alcoólicas nos últimos 12 meses.

Gráfico 1. Prevalência do consumo de bebidas alcoólicas pelas gestantes nos últimos 12 meses (N=72).



Fontes: Dados da pesquisa (2025).

Ademais, durante a coleta de dados, algumas gestantes demonstraram dificuldade em falar sobre o consumo, tentando minimizá-lo ou até mesmo omiti-lo. No entanto, em momentos em que se sentiam acolhidas e compreendidas, acabavam revelando o uso de substâncias.

3.1 Classificação de risco conforme o AUDIT

Das gestantes que relataram consumo de álcool, 90% (N=9) foram classificadas como de baixo risco (zona I do AUDIT, pontuação entre 0 e 7), enquanto 10% (N=1) apresentaram consumo de risco, com pontuação entre 8 e 15 (Tabela 1). Além disso, durante a entrevista, com o levantamento da problemática, as gestantes informaram que não sabiam que, mesmo o consumo de pequenas quantidades de bebida alcoólica, poderia causar danos ao bebê.

Tabela 1. Pontuação das gestantes que relataram consumo de bebidas alcoólicas, com base no AUDIT (N=10).

Pontuação	N	%
1	3	30
3	1	10
5	3	30
6	2	20
8	1	10

Fonte: Dados da Pesquisa (2025).

3.2 Consequências associadas ao consumo de álcool

O instrumento utilizado para o rastreamento do consumo de álcool inclui diversas questões voltadas para avaliar tanto o consumo quanto seus possíveis impactos. Duas dessas perguntas investigam as consequências do uso. A primeira indaga se a entrevistada já causou ferimentos ou prejuízos a si mesma ou a outra pessoa após consumir álcool. Os resultados mostram que, das 72 gestantes entrevistadas, 69,4% (N=50) responderam “não”; 29,2% (N=21) afirmaram que isso aconteceu, mas não nos últimos 12 meses; e 1,4% (N=1) relataram que ocorreu no último ano.

A segunda questão verifica se algum parente, amigo, médico ou outro profissional de saúde já expressou preocupação com o consumo de álcool da gestante ou sugeriu que ela parasse de beber. Nesse caso, 52,8% (N=38) responderam “não”; 37,5% (N=27) disseram que isso ocorreu, mas não nos últimos 12 meses; e 9,7% (N=7) relataram que essa preocupação foi manifestada no último ano. Esses dados sugerem que, embora a maioria das entrevistadas não tenha vivenciado tais situações recentemente, uma parcela significativa já enfrentou experiências de risco ou recebeu alertas sobre seu consumo de álcool em algum momento de sua vida.

3.3 Perfil sociodemográfico e obstétrico das participantes

A análise do perfil sociodemográfico das 72 gestantes participantes revelou que a maioria estava na faixa etária de 27 a 38 anos, representando 44,4% (N=32) do total. Quanto ao estado civil, as categorias mais frequentes foram união estável, 38,9% (N=28), solteira, 30,6% (N=22), e casada, também 30,6% (N=22). Em relação à ocupação, 34,6% (N=26) das gestantes estavam sem ocupação formal, seguidas pelas autônomas, 20% (N=15). A escolaridade predominante foi o ensino médio completo, com 77,8% (N=56) das participantes. A maior parte das gestantes 87,5% (N=63) apresentava renda familiar mensal entre 1 e 3 salários mínimos, e 95,8% (N=69) residiam em locais com saneamento básico.

Na análise do rastreamento do consumo de bebidas alcoólicas e sua relação com os dados sociodemográficos, observou-se que, entre as 10 gestantes que consumiam álcool, predominou a faixa etária de 20 a 26 anos 60% (N=6), a maioria possuía ensino médio completo 60% (N=6), apresentavam renda mensal entre 1 e 3 salários mínimos 70% (N=7) e não possuía companheiro 60% (N=6).

Considerando as variáveis gestacionais e as condições de saúde das gestantes que consumiam álcool, observou-se que 100% (N=10) relataram não ter planejado a gestação. A maioria já havia passado por gestações anteriores, 80% (N=8); entre essas, 60% (N=6) enfrentaram complicações como aborto e 10% (N=1) apresentaram eclâmpsia. Ademais, todas realizaram o pré-natal, sendo que 20% (N=2) o fizeram de forma irregular.

3.4 Caracterização dos enfermeiros participantes

Ademais, foi possível traçar um panorama sobre o perfil dos enfermeiros entrevistados: apresentam uma faixa etária entre 32 e 55 anos, demonstrando um grupo com diferentes gerações e experiências. O tempo de formação também é diversificado, indo de 7 a 29 anos, o que reflete tanto a presença de profissionais mais experientes quanto de integrantes mais recentes. Além disso, o tempo de atuação nas unidades oscila entre 3 meses e 20 anos, evidenciando uma equipe composta por membros que possuem amplo conhecimento do funcionamento do local, bem como por novos colaboradores.

Ademais, a partir da entrevista semiestruturada e da análise das falas dos participantes, foi possível elaborar as seguintes categorias: (1) Formação, Capacitação e Conhecimento sobre o Tema, (2) Percepções e Estigmas sobre o Consumo de Álcool por Gestantes, (3) Abordagem e Comunicação com Gestantes sobre o Consumo de Álcool e (4) Condutas e Encaminhamentos.

3.5 Formação, Capacitação e Conhecimento sobre o Tema

A maioria dos participantes da pesquisa relatou ter recebido apenas informações básicas sobre os riscos do consumo de álcool na gestação, e que esse recebimento de informações ocorreu somente na graduação.

Na faculdade a gente vê o básico, tanto do álcool quanto do fumo. (ENF 1)

Apenas recebi orientações básicas dentro de disciplinas do curso. (ENF 4)

Vi na graduação, mas de forma mais superficial; básico mesmo. (ENF 7)

Ainda, foi ressaltado pelos enfermeiros a existência de treinamentos gerais ofertados pela Secretaria de Saúde - mas sem frequência definida - e ausência de capacitação específica para a questão do consumo gestacional de álcool.

Não. A secretaria dá alguns cursos, mas nunca vi nada específico para isso. (ENF 2)

A secretaria oferece treinamento para gente, mas sem dia certo, e nesse tempo todo de atuação minha nessa unidade nunca teve treinamento específico para isso. (ENF 6)

Além disso, a maioria dos participantes já havia ouvido falar da Síndrome Alcoólica Fetal, mas nenhum soube explicar adequadamente em que, de fato, essa Síndrome consiste.

Já ouvi falar, mas não vou saber explicar, porque faz muito tempo. É como eu disse, como não temos muita demanda, o assunto em si não flui (ENF 1).

Sim, acredito que seriam complicações que ocorrem no bebê em decorrência do consumo de álcool (ENF 7).

3.6 Percepções e Estigmas sobre o Consumo de Álcool por Gestantes

A maior parte dos profissionais revelou que o consumo de álcool entre as gestantes de suas respectivas unidades é baixo, com apenas 1 enfermeiro afirmando que essa ingestão se enquadra como moderada.

O consumo de álcool nas gestantes daqui é baixo ou inexistente. (ENF 1)

Se for olhar no resto da população, é altíssimo, mas entre as gestantes é baixo, porque (...) quando descobriram que estavam gestando, paravam. (ENF 7)

Aqui, é uma prática moderada. Sempre tem algumas que possuem uma dependência maior e não cessam o consumo. (ENF 3)

No entanto, foi relatada dificuldade de comprovar a veracidade das informações fornecidas pelas pacientes, gerando dúvidas e inseguranças nos profissionais.

Quando sabem que estão grávidas, elas fazem de tudo pra parar, (...) mas a gente sabe, quando chega o final de semana a gente não está lá perto dela, né? (ENF 4)

É comum que no consultório ela diga que parou ou diminuiu de consumir, mas os agentes comunitários de saúde ou outras usuárias gestantes afirmarem que a viram bebendo. Fica difícil confiar na palavra delas. (ENF 1)

Ademais, alguns dos enfermeiros afirmam que não há preconceito e que a abordagem é acolhedora, enquanto outros reconhecem a existência do preconceito, mas destacam a sua não manifestação durante as consultas, reconhecendo que expressar esse sentimento pode comprometer o atendimento.

A gente toma aquele choque (...), mas assim, não quer dizer que a gente vá discriminá-la, de forma alguma. (ENF 3)

Não há preconceito. O preconceito é uma barreira e não permite que a gestante se sinta acolhida e que siga as nossas orientações. (ENF 5)

3.8 Abordagem e Comunicação com Gestantes sobre o Consumo de Álcool

Nesta categoria, pôde-se verificar que todos os enfermeiros, durante o pré-natal, enfatizam os riscos do consumo de álcool e suas repercussões no bebê, enquanto que apenas 1 indicou abordar as consequências dessa prática na mulher. Todos ressaltaram a necessidade de abordar o tema sutilemente para evitar resistência das pacientes.

Eu sempre busco retratar quais as consequências que esse consumo pode causar para ela e para o bebê. (ENF 2)

A sondagem é feita logo com o preenchimento do cartão da gestante, aí eu sempre procuro na primeira consulta fazer as perguntas que tem aqui na caderneta, (...) e uma delas é uso de álcool e outras drogas. (ENF 5)

Indico as repercussões que pode ter na criança e retomo essa problemática em todas as consultas nas gestantes que referem uso de álcool. (ENF 6)

Além disso, foi visualizado que os enfermeiros apresentam dificuldades em efetivar a compreensão da problemática por parte das mulheres, o que seria fruto do baixo nível escolar de algumas pacientes e a normalização cultural do álcool. Ademais, a minimização e a omissão do consumo de bebidas alcóolicas realizado pelas pacientes dificultam a atuação do enfermeiro no pré-natal.

Pacientes escutam a nossa fala, mas não colocam em prática (...) acham que não vai acontecer com elas. (ENF 3)

O consumo de álcool parece ser algo tão cultural e tão banalizado que torna difícil para as grávidas compreenderem a gravidade dessa prática. Acredito que isso se relacione com o baixo nível de instrução e estudo dessas mulheres. (ENF 4)

Acompanhantes contradizem a paciente, revelando que ela faz o consumo de álcool, apesar da mesma dizer que não faz. Aí ela tenta minimizar, falar que fez o consumo apenas num fim de semana e que foi só 4 copinhos. (ENF 5)

3.9 Condutas e Encaminhamentos

Alguns profissionais mencionam a realização de encaminhamento para serviços especializados, como psicólogos, assistentes sociais e até mesmo o CAPS AD. Porém, não há fluxo bem definido e estruturado para esses casos, e existem dificuldades na continuidade desse atendimento em razão de, por exemplo, falta de transporte.

Existe o fluxograma, mas como não temos demanda na comunidade, não vou saber te informar direitinho de cor (...) depois ela volta pra cá e nós perguntamos como foi (...) temos o feedback pela própria gestante, porque não temos comunicação entre os serviços (ENF 1).

A gente tem até suporte do CAPS, quando é um caso assim mais extremo, tenta (...) fazer matriciamento, mas não tem um caminho bem definido aqui na unidade para auxiliar a direcionar (ENF 6).

Aqui não tem nenhuma estruturação; a gente tenta solucionar aqui na unidade mesmo. No máximo, a gente aciona a assistente social e a psicóloga da unidade e indica o CAPS AD, mas por falta de acesso elas só vão a uma consulta (ENF 3).

Logo, a análise qualitativa das falas dos enfermeiros mostra que, apesar de sua preocupação com o consumo de álcool na gestação, existem lacunas na graduação e na educação continuada, além de dificuldades na comunicação com as gestantes e na estruturação de fluxos de encaminhamento. Ademais, houve consenso sobre a importância do acolhimento na abordagem, mas o conhecimento sobre a SAF ainda é incipiente. Nesse sentido, tais categorias ajudam a compreender a realidade enfrentada pelos profissionais e podem subsidiar melhorias na capacitação e no atendimento das gestantes

4. Discussão

Mudanças no contexto social da mulher contribuíram para o aumento do consumo feminino de substâncias como o álcool, iniciado frequentemente na adolescência. A pressão para se enquadrar socialmente, a normalização do consumo e a permissividade familiar são fatores que reforçam esse comportamento, elevando os riscos à saúde e bem-estar das mulheres. Esses impactos tornam-se ainda mais preocupantes durante a gestação, devido às consequências adversas para a mãe e o bebê (Gonçalves *et al.*, 2020).

No estudo realizado, percebe-se que a triagem em relação ao consumo de bebidas alcoólicas entre gestantes revelou uma prevalência de 13,9% (n=10). Essa taxa tende a variar de acordo com a localidade onde a coleta seja realizada. Uma pesquisa conduzida em São Paulo indicou que 45,1% das gestantes fazem uso de álcool, enquanto outro estudo realizado no Rio de Janeiro apontou uma prevalência de 12,9% (Fiadi *et al.*, 2023; Fonseca *et al.*, 2021).

Observou-se que 60% (n=6) das gestantes que consumiam álcool estavam na faixa etária de 20 a 26 anos. Em outros estudos, dados semelhantes foram encontrados, como na pesquisa realizada em unidades básicas de saúde de cinco

municípios piauiense, em que a faixa etária predominante foi de 20 a 29 anos, refletindo uma tendência comum entre mulheres em idade reprodutiva (Gonçalves *et al.*, 2020).

Referente ao nível de escolaridade e à renda familiar mensal, 60% (n=6) das gestantes possuíam ensino médio completo e 70% (n=7) apresentavam renda mensal entre 1 e 3 salários mínimos. Esse perfil é semelhante ao observado no estudo realizado por Silva *et al.* (2020), no qual a maior parte das famílias tinha uma renda entre 1 a 2 salários mínimos. No entanto, neste mesmo estudo, observou-se que o nível de escolaridade das gestantes era predominantemente baixo, com a maioria apresentando até 9 anos de estudo.

Condições socioeconômicas desfavoráveis, como desemprego, subemprego, moradia inadequada e baixo nível educacional, aumentam significativamente a vulnerabilidade ao consumo de álcool e outras substâncias. Esses fatores não apenas favorecem comportamentos de risco, mas também têm impactos profundos na saúde física e mental das gestantes. Muitas vezes, as gestantes recorrem ao álcool como uma forma de escape, o que pode agravar problemas de saúde já existentes e aumentar o risco de complicações durante a gravidez (Possa *et al.*, 2021).

Em relação à situação conjugal, 60% (n=6) das mulheres entrevistadas estavam sem parceiro durante a gestação. A falta de apoio conjugal pode tornar ainda mais desafiador o enfrentamento das dificuldades que surgem durante a gravidez, como o estresse emocional e a gestão das responsabilidades. O estudo nacional, realizado por Cabral *et al.* (2023), revelou que a maior prevalência de consumo de álcool durante a gestação foi observada em mulheres sem companheiro. A ausência de suporte conjugal pode aumentar a vulnerabilidade das gestantes, levando-as a recorrer ao álcool como uma forma de lidar com as adversidades como forma de escape.

No que diz respeito aos níveis de risco, 90% (n=9) das gestantes que relataram consumo de álcool foram classificadas como de baixo risco (zona I do AUDIT, pontuação entre 0 e 7), enquanto 10% (n=1) apresentaram consumo de risco, com pontuação entre 8 e 15. Ademais, não há uma quantidade segura para o consumo de álcool em nenhuma fase da gestação, sendo recomendada a abstinência total. Mesmo em pequenas quantidades, o álcool pode causar danos graves e irreversíveis ao bebê, comprometendo seu desenvolvimento físico, psicológico e, especialmente, o sistema nervoso central (Fiadi *et al.*, 2023).

O consumo de álcool durante a gestação está associado a um aumento significativo nos riscos de restrição do crescimento intrauterino, além de estar relacionado ao desenvolvimento de malformações congênitas, aborto espontâneo, morte fetal, nascimento prematuro e à Síndrome Alcoólica Fetal (SAF), uma condição que provoca deformidades físicas e prejudica o desenvolvimento cognitivo e comportamental da criança. A exposição ao álcool no útero também pode causar comprometimentos a longo prazo, como dificuldades de aprendizado, distúrbios de comportamento e atrasos no desenvolvimento motor (Tamashiro; Milanez; Azevedo, 2020).

Entre as gestantes que consumiam álcool, todas relataram ter conhecimento dos riscos associados, mas acreditavam que esses efeitos negativos só ocorreriam com o consumo excessivo ou em grandes quantidades. No entanto, a maioria não estava ciente de que até mesmo o consumo baixo ou moderado de álcool poderia causar sérios danos à saúde da gestação e ao desenvolvimento fetal. Embora reconhecessem alguns dos riscos, muitas gestantes tendem a subestimar as consequências a longo prazo, o que as leva a se expor a um risco maior.

Além disso, é de suma importância que os profissionais de saúde realizem, em suas rotinas de atendimento, o rastreamento e a investigação do consumo de álcool nas gestantes, uma vez que a ingestão dessa substância psicoativa representa significativo agravo de saúde tanto para a gestante quanto para o feto que está em desenvolvimento. Através de tal processo, o profissional é capaz de verificar a situação epidemiológica e, consequentemente, traçar medidas de intervenção, a fim de minimizar os impactos da problemática (Gonçalves et al., 2020).

Dessa maneira, é necessário que o profissional de saúde - em especial o enfermeiro, no contexto da atenção básica - possua os subsídios teóricos necessários para realizar o rastreamento e a investigação do consumo de álcool nas gestantes. No entanto, o presente estudo ilustrou uma realidade permeada por lacunas na graduação e, em especial, na educação continuada, a qual, conforme Lepesteur (2024), representa uma valiosa ferramenta para melhorar a qualidade do atendimento, devendo ser fornecida pela gestão do serviço de saúde.

Assim, a pesquisa evidenciou que, embora os enfermeiros demonstrem preocupação em relação ao consumo de álcool pelas gestantes atendidas, apresentam conhecimento limitado sobre a Síndrome Alcoólica Fetal. Essa realidade aproxima-se dos achados de Rigo et al. (2020), que também identificaram baixo nível de conhecimento dos profissionais acerca dos efeitos teratogênicos do álcool. Tal cenário é particularmente preocupante, considerando que, segundo Paiva et al. (2021), o álcool é a substância psicoativa mais consumida durante a gestação.

Ademais, constatou-se que, nas unidades investigadas, o consumo de álcool foi predominantemente classificado como baixo, sendo que apenas um enfermeiro o descreveu como moderado. Achados semelhantes foram relatados em outros estudos, nos quais a maioria das gestantes (86,4%) declarou não consumir álcool durante a gestação, enquanto parte delas informou ter reduzido a quantidade ingerida, embora mantivesse o hábito mesmo nesse período (Dutra et al., 2025; Possa et al., 2021).

No entanto, é importante ressaltar que, conforme verificado na presente pesquisa, existe uma considerável dificuldade em comprovar a veracidade das informações fornecidas pelas pacientes, gerando dúvidas e inseguranças nos enfermeiros. Esse quadro é reforçado e igualmente verificado no estudo conduzido por Peters et al., 2020, no qual as gestantes possuíam dificuldades em admitir que utilizavam álcool, de forma a omitir essa informação e, consequentemente, gerar um falso reflexo da real conjuntura do uso dessa substância psicoativa na gestação.

Dessa forma, é fundamental que o profissional responsável pelas consultas de pré-natal atue livre de preconceitos e estereótipos, de modo a favorecer uma anamnese mais completa e garantir um atendimento acolhedor, contribuindo para que a gestante se sinta segura em relatar hábitos sensíveis, como o consumo de álcool. (Lopes et al., 2021). Esses aspectos dialogam com os achados desta pesquisa, na qual os enfermeiros reconheceram a existência de preconceitos, mas afirmaram não manifestá-los durante as consultas, conscientes de que tal comportamento poderia comprometer a qualidade da assistência prestada.

Nesse sentido, é crucial que o enfermeiro domine a condução dos atendimentos, pois a detecção do consumo de álcool no pré-natal é complexa e exige sensibilidade e preparo técnico (Rigo et al., 2020). Essa cautela também foi evidenciada na presente pesquisa, visto que os participantes destacaram a importância de abordar o tema de forma sutil, evitando resistência das gestantes. Ademais, os enfermeiros relataram orientar sobre os malefícios do uso de álcool,

achado que corrobora Peters *et al.* (2020) e reforça a convergência entre literatura e prática no que se refere às estratégias educativas adotadas pelos profissionais.

Apesar dos esforços dos profissionais, a pesquisa apontou dificuldades na compreensão do problema pelas gestantes, o que seria fruto de baixo nível escolar e da normalização cultural do álcool, fazendo com que a abordagem, mesmo cuidadosa, nem sempre resulte em mudanças de comportamento. De forma semelhante, Rigo *et al.* (2020) identificaram maior risco de consumo de substâncias entre gestantes com baixa escolaridade. Assim, fatores socioculturais e educacionais configuram-se como barreiras à efetividade das intervenções, exigindo estratégias mais direcionadas.

Além de possuir a fundamentação teórica e a sensibilidade necessárias para identificar as gestantes que realizam o consumo de álcool, é imprescindível que o enfermeiro da atenção básica saiba como executar o manejo da situação, trazendo resolutividade e diminuindo os riscos maternos e fetais. Nesse contexto, é fundamental que esse profissional saiba quais pontos da rede acionar, estabelecendo uma relação de referência e contrarreferência. No entanto, os níveis assistenciais apresentam lacunas em seu processo de articulação e estabelecimento de fluxos e protocolos, evidenciando barreiras operacionais e organizacionais que comprometem a continuidade assistencial (Marques *et al.*, 2021).

Tal realidade permeada pela desarticulação do serviço é visualizada nitidamente no presente estudo, no qual os enfermeiros relataram a realização de encaminhamento para serviços especializados, como psicólogos, assistentes sociais e o CAPS AD (Centro de Atendimento Psicossocial - Álcool e Drogas). Porém, não há fluxo bem definido e estruturado para esses casos, gerando quebra na continuidade do atendimento, o que foi também descrito no estudo de Paiva *et al.* (2021), afirmando que uma assistência desarticulada à gestante em uso de álcool aumenta a probabilidade de insucessos na realização de um pré-natal seguro.

5. Conclusão

Este estudo alcançou seu objetivo geral ao analisar tanto a atuação dos enfermeiros da Atenção Primária à Saúde quanto o perfil de gestantes atendidas no pré-natal frente ao consumo de álcool na gestação. Os achados revelaram que, embora os enfermeiros reconheçam a importância do tema e busquem realizar orientações de forma acolhedora, ainda enfrentam lacunas relacionadas à formação, à educação continuada e à fragilidade nos fluxos de encaminhamento para serviços especializados.

Como limitações, destacam-se a amostra não probabilística e restrita a um contexto específico, bem como a coleta em período delimitado, restringindo a generalização dos resultados, que apontam para a necessidade de fortalecer a capacitação permanente dos enfermeiros, aprimorar fluxos assistenciais na rede de saúde e ampliar estratégias de educação em saúde voltadas a mulheres em idade reprodutiva. Para pesquisas futuras, recomenda-se expandir a amostra para diferentes cenários e integrar métodos qualitativos e quantitativos, a fim de aprofundar a compreensão do fenômeno e subsidiar intervenções mais eficazes.

Referências

- BABOR, T. F. et al. **AUDIT: Alcohol Use Disorders Identification Test – guidelines for use in primary health care**. 2. ed. Geneva: World Health Organization, 2001. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/67205>. Acesso em: 8 dez. 2025.
- BOING, A. et al. Individual and contextual variables associated with smoking and alcohol consumption during pregnancy. **Revista Brasileira de Enfermagem**, São Paulo, v. 74, supl. 4, e20200804, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/XSdxYdVMKFj9zwHbkjvBxJz/?lang=en>. Acesso em: 8 dez. 2025.
- CABRAL, V. et al. Prevalência de uso de álcool na gestação, Brasil, 2011-2012. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 8, e00232422, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csp/a/xy5qsDhB8H6Tc3PMVzpzy3z/>. Acesso em: 8 dez. 2025.
- DIAS, L. E.; OLIVEIRA, M. L. F. de. Consumo de drogas durante pré-natal de baixo risco: estudo transversal. **Revista de Enfermagem do Centro-Oeste Mineiro**, [S. I.], v. 12, 2022. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/recom/article/view/4426>. Acesso em: 8 dez. 2025.
- DUTRA, R.P. et al. Alcohol consumption among pregnant women in Brazilian capitals: How many, where, and who are they? **einstein (São Paulo)**, 2025;23:eAO0754. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/cBkC77cLMWnLMw47Qyy4XHJ/?format=pdf&lang=en>. Acesso em: 13 de ago. 2025
- FIADI, A. et al. Uso de drogas lícitas por gestantes. **Revista Saúde (Santa Maria)**, v. 49, n. 1, p. 1–10, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revistasaudade/article/view/41816>. Acesso em: 8 dez. 2025.
- FONSECA, G. et al. Prevalência e fatores associados ao consumo de álcool em gestantes adultas de uma maternidade pública no Rio de Janeiro. **Brazilian Journal of Development**, [S. I.], v. 7, n. 9, 2021. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/35671>. Acesso em: 8 dez. 2025.
- GONÇALVES, L. et al. Rastreio do consumo de bebidas alcoólicas em gestantes. **REME - Revista Mineira de Enfermagem**, [S. I.], v. 24, n. 1, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/reme/article/view/49943>. Acesso em: 8 dez. 2025.
- LEPESTEUR, J. D. A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO CONTINUADA PARA OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE. **Revista Foco** v.17.n .5|e5214|p.01-18, 2024. Disponível: <https://ojs.focopublicacoes.com.br/foco/article/view/5214/3750>. Acesso em: 12 de ago. de 2025.
- LIMA, C. T. et al. Concurrent and construct validity of the AUDIT in an urban Brazilian sample. **Alcohol Alcohol.**, 2020; 40(6):584–589. Disponível em:

<https://academic.oup.com/alcalc/articleabstract/40/6/584/126118?redirectedFrom=fulltext>. Acesso em: 12 de ago. de 2025.

LIMA, M. et al. Assistência qualificada a gestantes em uso de álcool e drogas. **Revista de Enfermagem UFPE Online, Recife**, v. 15, e245415, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/245415>. Acesso em: 12 de ago. de 2025.

LOPES, K. et al. Prevalência do uso de substâncias psicoativas em gestantes e puérperas. **Revista de Enfermagem da UFSM**, Santa Maria, v. 11, e45, p. 1–19, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/reufsm/article/view/54544>. Acesso em: 8 dez. 2025.

MARQUES, B. L. et al. Orientações às gestantes no pré-natal: a importância do cuidado compartilhado na atenção primária em saúde. **Esc. Anna Nery**, v. 25, n. 1, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ean/a/hR4MwpCd88cvTfs9ksLJGFs/?format=html&lang=pt>. Acesso em: 12 de ago. de 2025.

PAIVA, S. M. A. DE et al. Atuação dos enfermeiros no pré-natal a gestantes usuárias de álcool. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 9, 2021. Disponível em: <https://rsdjurnal.org/index.php/rsd/article/view/17717>. Acesso em: 10 ago. 2025.

PETERS, A. A. et al. Gestantes em uso de substâncias psicoativas atendidas por enfermeiros na Atenção Primária à Saúde. SMAD, **Rev Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog**. 2020;16(2):1-9. Disponível em: <https://revistas.usp.br/smad/article/view/166357/163151>. Acesso em: 11 de ago. 2025

POSSA, G. et al. Classificação do risco de consumo de álcool de gestantes nos últimos 12 meses e durante a gravidez. **Revista Eletrônica Saúde Mental Álcool e Drogas**, [S. I.], v. 17, n. 4, p. 44–53, 2021. Disponível em: https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-69762021120000007. Acesso em: 11 de ago. 2025

RIGO, F. L. et al. Prevalência e fatores associados ao uso de álcool, tabaco e outras drogas em gestantes. **Revista Médica de Minas Gerais**, 2020; 30: e-30117. Disponível em: <https://www.bing.com/ck/a?!&p=164d33450f5dde79a6443e056da9d05b5504bdad34cafbe941a762c7fa2d023eJmltdHM9MTc1NTkwNzlwMA&ptn=3&ver=2&hsh=4&fclid=29d111eb-f7ea-66cf-0923-024df693679d&psq=RIGO%2c+F.+L.+et+al.+Preval%c3%aancia+e+fatores+associa+dos+ao+uso+de+%c3%a1lcool%2c+tabaco+e+outras+drogas+em+gestantes.+Revisa+M%c3%a9dica+de+Minas+Gerais%2c+2020%3b+30%3a+e-30117.&u=a1aHR0cHM6Ly9ybW1nLm9yZy9leHBvcnRhci1wZGYvMjc0MC9IMzAxMTcucGRm&ntb=1>. Acesso em: 12 de ago. 2025

SILVA, F. et al. Prevalência e fatores associados ao uso de drogas de abuso por gestantes. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 20, n. 4, p. 1109–1115, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/T9G5n8sCfrF8D5H5c68b7Wd/?lang=pt>. Acesso em: 8 dez. 2025.

TAMASHIRO, E.; MILANEZ, H.; AZEVEDO, R. “Por causa do bebê”: redução do uso de drogas por gestantes. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, Recife, v. 20, n. 1, p. 319–323, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/zQp4M7h7w8X775qG5j8m6Hq/?lang=pt>. Acesso em: 8 dez. 2025.

TSANG, T. W. *et al.* Effectiveness of a practice change intervention in reducing alcohol consumption in pregnant women attending public maternity services. **Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy**, [S. I.], v. 17, n. 1, 31 ago. 2022. Disponível em: <https://substanceabuse-treatment.biomedcentral.com/articles/10.1186/s13011-022-00490-2>. Acesso em: 8 dez. 2025.